**CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS CIDADÃS POR MEIO DA EDUCOMUNICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR EM CARPINA-PE**

Eduarda Bermudes Duarte e Silva/PIBID[[1]](#footnote-1)

Leandro Paes Barreto Silveira/PIBID[[2]](#footnote-2)

Nilda Maria Correia de Oliveira/PIBID[[3]](#footnote-3)

Maria de Fátima Gomes da Cruz/PIBID[[4]](#footnote-4)

**Resumo**

Este artigo expõe resultados do projeto Construção de práticas cidadãs por meio da Educomunicação no ambiente escolar em Carpina-PE, âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Pedagogia UPE - *Campus* Mata Norte. O quadro teórico do projeto está assente nos estudos de Bauman (2003); Freire (1987), e outros. Sobre a metodologia usada na criação do jornal escolar, foi realizada desde a construção de HQs até exibição de documentário. Por fim, verifica-se a importância do diálogo para uma formação mais empírica, em contraponto à atual, voltada para os interesses de mercado.

Palavras-chaves: Educação; Cidadania; Democrático.

**INTRODUÇÃO**

Apesar da educomunicação ser uma temática que já nos anos 70 despontava com uma certa receptividade em alguns países da Europa e na América do Norte, por aqui e não muito diferente do restante da América do Sul, não teve o mesmo carinho. Graças aos movimentos de força popular e também o apoio de algumas ONGs da época, que o assunto passou a ser pautado cada vez mais e vir ganhando força, inicialmente nos centros de educação não-formal até passar a ser enxergado como potencial para política pública, realidade ainda distante de ser praticada ao longo do território nacional, e se você for levar esse pensamento para as redes públicas de ensino, realidade ainda mais distante.

Existe sim um entusiasmo acerca da temática, agora que o Ministério da Educação aprovou a versão definitiva da BNCC em dezembro de 2017 e a mesma será, enfim, institucionalizada nas escolas, dando uma maior abertura para a utilização de educação midiática e veículos de comunicação nas salas de aula. A ideia é mostrar como um elemento em específico, nesse caso, o jornal, pode alavancar discussões e percepções cidadãs dentro de uma relação escolar, de maneira natural e saudável entre os alunos, permeando valores significativos para a vida social futuramente. Uma boa expectativa, também, é que com tal abertura do documento, possa também implementar numa formação mais qualificada se tratando dos profissionais da educação, o que ainda é bastante cedo para se comentar sobre, mas desde já, o leque de situações é imenso.

Pensar questões como comunicação e cidadania tem se tornado cada vez mais escasso, principalmente dentro da figura da escola, uma vez que a tecnologia e a industrialização tornam tudo tão mais prático e instantâneo, permear questões que percorrem toda a vida escolar tem sido mais do que nunca, um desafio. É necessária uma reflexão também dos professores acerca da sua prática escolar e qual seu papel fundamental nessa formação de indivíduos que, mais tarde, irão se tornar os novos agentes ativos do nosso círculo social.

O artigo irá, utilizando nomes como Bauman (2003), Bobbio (1996) e Freire (1987), discutir aqui e, principalmente, espera que tal discussão também perpasse as linhas deste trabalho, instigando a reflexão para a abertura do uso de outras tecnologias educacionais, não apenas a que será mostrada aqui, com um caráter totalmente voltado contra quaisquer relações de poder marcadas dentro dos ambientes escolares pautadas sob o modo de vida em que cada vez mais cedo, nos preparamos para levar, visando apenas uma educação de cunho emancipatório e cidadão.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de um trabalho caracterizado pela abordagem qualitativa, com uso de questionários, documentários e rodas de conversa. Utilizando da visão de Minayo (2004), as intenções e também as relações em cima das abordagens acabam por sua vez, justificando os caminhos de uma ação afetiva e simbólica que em consequência, traz um contato mais transparente e possivelmente mais caloroso, humanamente falando. Considerando também os sujeitos da pesquisa como seres produtores de cultura que possuem desejos e linguagens, tal pensamento se faz presente mais uma vez.

As averiguações foram realizadas na escola pública municipal de Carpina, parceira do PIBID, no primeiro semestre de 2019, no período de fevereiro a junho, com os alunos do 4º ano do ensino fundamental, no turno vespertino.

Para a coleta de dados, inicialmente foi realizado um questionário com a professora da turma, onde a mesma relatou alguns obstáculos da turma dentro do ambiente da sala de aula, tais como: falta de respeito dos colegas entre si, dificuldades de expressão e também na leitura. Após a leitura e compreensão das respostas,

também foi pensado em observar o ambiente da sala e seu funcionamento, como os alunos se separavam e por consequência, como se tratavam.

Posteriormente, as ações de intervenção foram pautadas mediante esses dois primeiros passos. Amparados pela BNCC e inspirados pela pedagogia libertadora e emancipatória de Freire, foi decidido, então, trabalhar uma espécie de jornal escolar com a turma. As primeiras atividades de intervenção consistiram em apresentar e familiarizar o veículo de comunicação para os alunos, levando em conta que muitos não tinham total conhecimento sobre o objeto. Mais pra frente, a turma foi separada por equipes de afinidades de temas, para a elaboração dos cadernos do jornal; um fato interessante desse ponto é que vários alunos de grupos diferentes acabaram ficando com a mesma temática, gerando algumas desavenças de início, porém tudo dentro do esperado. Como boa parte dos cadernos era redigido por um único texto, serviu de base para que os estudantes pudessem entender que precisariam confiar no saber do outro, entender que também poderiam contribuir, desconsiderando aquela questão de quem sabe mais ou melhor do que quem, criando, por mais que eles não enxergassem de início, uma condição de respeito de um com o outro.

Pouco a pouco, também foi trabalhada a criticidade deles em determinadas ações, como num texto após terem assistido um documentário sobre a Terra, onde puderam demonstrar seus questionamentos com o que acontecia dentro da sua própria escola e fora dela também, assim feito também numa outra colocação sobre as opções de lazer dentro do ambiente escolar, na qual os estudantes puderam externar suas opiniões acerca da temática e pensar em possíveis alternativas para resolver ou alterar tais realidades que eles conheciam.

Trabalhar a capacidade de expressão e a criticidade dos alunos foi e é bastante importante porque era notável que era uma turma que tinha um carinho grande um pelo outro, porém muitas vezes, sem os estudantes terem sequer um lapso da realidade do colega, acabava interferindo em julgamentos e nas relações interpessoais. Muitas vezes, pela rotina escolar, mantendo o básico do contato, acabavam por deixar de conhecer e enxergar melhor o outro, deixando também de reforçar laços e construir valores que ajudem fora do ambiente da escola, onde crianças tão jovens já passam a reproduzir um modelo de relacionamento de adultos, sendo frios sem ao menos entenderem o que isso significa e quais implicações isso pode trazer num futuro próximo.

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

* 1. Aqui se respira lucha[[5]](#footnote-5): educomunicação, América Latina e autonomia cultural

Desde meados de 1970, em alguns países da Europa, como a Inglaterra, e também da América do Norte, como o Canadá, mostravam um envolvimento relativamente fervoroso com relação a Educação Midiática, implementando em seus currículos de educação e chamando atenção por apresentar um tema até então, inovador, alavancando resultados positivos nos sistemas educacionais. Nos Estados Unidos, tal relação dependia muito do andar do governo, sendo pautada por interesses ideológicos, com pouquíssimo apoio em governos republicanos e investimentos severos em governos democratas. Na América Latina, com algumas tentativas nos anos 60 e ganhando força nos anos 70, a entrada da educomunicação se deu de maneira conturbada e marcada por um processo de autonomia da invasão cultural principalmente dos Estados Unidos e demais países europeus sobre os países periféricos. Por aqui, o assunto não entrou inicialmente na classe de política pública, ficando restrito ao arrojo de ONGs, alguns educadores e principalmente ativistas do Movimento Popular. No Brasil, graças à audácia do Movimento Popular que a edocomunicação passou a se aproximar de um cenário das políticas públicas.

Sobre o processo de autonomia cultural dentro da perspectiva da educação, Martín-Barbero explica que

Não é possível habitar no mundo sem algum tipo de ancoragem territorial, de inserção local, já que é no lugar, no território, que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade [...] da ação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana, pois, mesmo atravessado pelas redes do global, o lugar segue feito do tecido das proximidades e das solidariedades (2003, p.58 e 59).

O corte no cordão umbilical dessa dependência que os países subdesenvolvidos da América tinham com os desenvolvidos em relação à produção e o consumo de meios principalmente culturais, era pautado na teoria de dominação ideológica de classes dominantes sobre as dominadas, de cunho marxista. Tal corte era necessário pela luta da universalização da comunicação ou do direito a ela.

Para o objetivo de fortalecer a capacidade de expressão e criticidade dos indivíduos utilizando-se da educomunicação, é necessário fazer com que se realize uma análise das formas de diálogo, fora da escola, de caráter interpessoal, e principalmente dentro dela, condenando a cansativa relação de poder, buscando valorizar laços mais democráticos e horizontais, para proporcionar e alavancar alguns valores que, de acordo com o modo de vida que se leva hoje em dia, vem ficando cada vez mais ausentes, enclausurados dentro de nós mesmos, fadado a se tornar uma espécie de apêndice social, tais comoa cidadania, tão primordial para ouvir e ser ouvido.

* 1. Comunicação e Cidadania

A relação entre comunicação e cidadania é tão inseparável quanto natural, uma vez que o significado de uma é justamente a noção da outra. Utilizando o pensamento de Freire, o ser humano é um ser de relações, desenvolvido por meio de diálogos constantes. Partindo do princípio de que comunicar-se é direito fundamental a todos, sendo assim, parte fundamental da cidadania, Freire também diz que “se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a

palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens” (FREIRE, 1987, p. 78).

Inseparável relação, porém, não de maneira fácil, principalmente com o modo de vida que levamos em sociedade nos dias de hoje, tornando-se assim cada vez mais um desafio em fazer com que comunicação e cidadania andem de mãos dadas. O que vem acontecendo de maneira crescente, é a evolução dos aparatos técnicos, motivando processos como o individualismo, cada vez mais presente no nosso círculo social, e a chamada massificação da comunicação nas mídias, gerando atributos, principalmente manipulação. A chamada sociedade pós-moderna, amparada pelo capitalismo voraz, ressaltando mais uma vez o individualismo e agora também a competitividade, onde tudo é vendido a fim de impactar dentro do seio social. Nos tornando cada vez mais presos dentro de bolhas, fazendo com que nos sintamos conectados, que remete uma outra palavra de significado tão bonito, ligados, porém cada vez mais ausentes de um comportamento cidadão. O que faz falta, de verdade, é a redenção do diálogo e a produção do mesmo dentro do olho no olho, sob um amparo mais quente, humanamente falando.

Utilizando do pensamento de Bobbio (1996), a cidadania pulsa quando se toma consciência do direito de ter direitos, questionando-os não somente para o individual, mas para o direito coletivo, ocorrendo assim, o avanço social. É pela necessidade de ouvir e ser ouvido que cidadania não se dá sem comunicação, sendo ela assim, o a base para a o diálogo em favor de mudanças, por isso é fundamental compreender seus processos, visando sempre se desgarrar de tais relações de poder.

* 1. Educação midiática e a BNCC

Desde a determinação do MEC, em 2017, a Base Nacional Comum Curricular provoca uma dialética bastante emblemática no campo da educação, há quem comemore e diga que a Base vem para alavancar inovações e também há quem conteste, afirmando que a mesma contradiz o sentido democrático escolar, que agora se resume basicamente em instruções. Bom, é uma discussão pertinente e interessante, porém não totalmente adentra neste artigo a vós escrito. A questão aqui é tentar traçar caminhos que mantenham de fato, o caráter democrático mesmo com a entrada do documento no cotidiano escolar, apresentando a causa de acordo com a temática da educomunicação, semelhante a temática da educação midiática, presente na Base, valorizando a ação comunicadora dos alunos.

Como sabemos, o uso dos meios de comunicação e seus impactos sociais dentro do ambiente escolar se fez presente no Brasil principalmente sob a influência de movimentos de educação popular e não formal, então, de início, não teve muito apoio governamental mesmo sendo uma temática presente há alguns bons anos. A questão é sobre a brecha dentro da BNCC, dando abertura para discutir e trabalhar o tema, contemplando elementos de expressão cultural, o uso de diferentes linguagens e se estendendo também ao uso da prática comunicadora que é explicada pela educomunicação.

Das competências, o documento lembra da importância do fortalecimento da autonomia e do pensamento crítico dentro do ambiente escolar para se interagir com

diferentes formas de conhecimento, descobertas e opiniões, utilizando a linguagem. Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens. (2017, p 38).

Qualificando a produção e o trabalho midiático como participativo e democrático, instigando reflexões que visem o melhor desenvolvimento do estudante, para que a criação de cultura desperte essa noção de pertencimento social, do dever para com a sociedade, é necessário também que a figura física da escola esteja preparada para amparar e promover essa visão mais cidadã, de fato, para que com todas as letras, eduque e ajude a formar cidadãos pensantes, ativos e participativos, e que não apenas instrua tudo isso ou que fique apenas no bom e velho discurso.

Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura [...] (2017, p. 61).

O desafio que fica é justamente transformar a realidade escolar para atender tais perspectivas educomunicativas, e, por ventura, transformar os alunos para que tais práticas e comportamentos ativos e positivos perpassem os muros da escola.

* 1. Tecnologias de informação no ambiente escolar

A tecnologia utiliza de instrumentos a serviço de processos pedagógicos, de maneira crítica, tendo como determinação o encontro das diferentes formas de conhecimento, seja pela ciência ou técnicas que favorecem o aprimoramento do saber e aprender. Em meados do século 90, o meio tecnológico já era utilizado como ferramenta de trabalho, promovendo grandes mudanças nas esferas sociais e econômicas. No Brasil, na década de 80 foi marcada por grandes investimentos governamentais de informática na educação. Diante disso, notou-se a influência na formação do sujeito contemporâneo e a carência de explorar assuntos que pudessem desenvolver, de maneira rápida, os meios de comunicação e informações para transformar a sociedade, atribuindo assim, as escolas e as instituições um ensino amplo, podendo formar cidadãos críticos, criativos e responsáveis para o uso da tecnologia no ambiente escolar, transferindo eles para o seu desenvolvimento futuro.

Para Haetinger (2005) o aluno através destas ferramentas (as novas tecnologias), deve se comprometer muito mais com o aprendizado, o que não acontecia com o ensino tradicional, de apenas recepção de conteúdos. Sob a própria

perspectiva do construtivismo, as novas tecnologias dão a noção do concreto e do prazeroso, oferecendo ao educando uma maior interação com a aprendizagem.

Para melhor auxiliar a comunicação como intermédio entre os indivíduos e o mundo, é possível analisar as diversas realidades, abrangendo assim, a divulgação de informações. Dessa forma, o desenvolvimento no meio de informação, faz com que possa ser concebida um leque de oportunidades, trazendo para o meio escolar, a tecnologia. Auxiliando o professor e proporcionando aos estudantes conhecimentos e habilidades fundamentais. Ao analisar essa inter-relação da escola e da tecnologia, nota-se um processo de ensino-aprendizagem, visualizado em um compartilhamento de conhecimentos e descobertas do educando, somando esses processos para a vida.

Com todo esse progresso é possível obter elementos que nos permitem refletir e compreender a relação do meio de comunicação e a escola. Embora existam pesquisas sobre a avaliação do uso da tecnologia nos processos educativos, Gutiérrez Martín (2002), considera que o potencial educativo das tecnologias pressupõe uma sensibilização e preparação docente para o uso, considerando o contexto de ação. Diante disso, a evolução não se limita aos usos de equipamentos, mas como os educandos poderão se comportar e desenvolver com um método tão utilizado por eles, articulando-se aos conhecimentos escolar, havendo uma interlocução do saber.

1. **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O processo da análise dos dados foi concebido através do diagnóstico passado na turma do 4º ano, sobre as dificuldades e do que gostariam como dinâmica para ser executado no ambiente escolar. De acordo com as respostas, foi observado que havia uma falta de respeito entre eles, bloqueios tanto em se expressar, como na leitura. De princípio, foi o planejamento, no qual iriamos levar como proposta para eles, o nosso projeto, no qual, poderíamos atender aos pedido, contribuindo assim, para melhor relação entre si e integrar-se a novos conhecimentos. Logo após, apresentamos a eles o jornal escolar e a educomunicação, que tinha como objetivo envolver algo do nosso cotidiano e que eles tinham o conhecimento.

Diante disso, nos supreendemos que os alunos não tinham o conhecimento sobre o jornal, daí apresentamos e explicamos a importância dele no nosso dia-a-dia. Com isso, dividimos as atividades em passo a passo, para melhor compreensão e desenvolvimento dos estudantes.

Primeiro passo, dividimos a sala em equipes, com uma atividade sobre quadrinhos, onde analisamos o trabalho em grupo, no qual, os alunos que pediam por respeito, compreendia e ajudava o outro, mesmo havendo alguns confllitos, perceberam que diariamente isso deveria ser posto em prática. Nos deparamos também, com aqueles que não se expressavam muito bem, se inteirando e executando a atividade de maneira bem espôntanea e autêntica.

Segundo passo, apresentamos os temas que possivelmente poderiam ser trabalhados no jornal escolar, que passaria pela escola e seriam elaborados por eles e com situações que os proprios vivênciavam. Foi perceptível que, através dessas divisões, os alunos, de maneira dinâmica, desfez grupos que sempre estavam juntos e começaram a se unir com outros colegas, acontecendo também certas desavenças nas escolhas do tema e do grupo.

Terceiro passo, foi exibido um documentário sobre a Terra, onde demonstraram supresa e questionamentos com o que era visto por eles, acontecendo certas situações no ambiente escolar e dentro e fora de sua residência.

Quarto passo, elaboramos uma roda de diálogo a respeito do que já tinha sido visto e do que compreenderam a respeito dos temas escolhidos. Vimos que, eles produziram poemas, textos, desenhos e imagens sobre cada temática, enxergando em si a capacidade de se expressar e desvolver através da leitura o que estava sendo proposto para a turma.

Quinto e último passo, realizamos a exposição do jornal escolar e a maneira que o aluno pode ser crítico, contribuindo para uma sociedade mais justa, desenvolvendo pelo meio da educomunicação formas que contribuem não só para a interlocução do saber, mas para o todo.

Através da elaboração dessas atividades, junto com o desempenho dos estudantes para concluir o projeto, é possivel considerar um avanço na turma, seja na questão do respeito, como no conhecimento que foi adiquirido pelas produções e diálogos feito por nós. Após toda dinâmica, oberva-se que as distintas opniões e resistências, faz com que o aluno possa de forma crítica, ir desenvolvendo sua opinião e optar por abranger diferentes situações que influenciam em seu meio social. Tornando-se acessível a novas oportunidades, entendendo também que são além de seres pensantes, também são formadores de ideias e de cultura.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como vimos e sabemos, é impossível separar educação de comunicação e também de cidadania, se estivermos falando em formação e emancipação completa do ser humano. A junção desses três conceitos fortalece o embate social e o cumprimento e também fortalecimento de valores democráticos que, apesar de ameaçados, não podem mais ser perdidos.

Citando acima em valores, na sociedade capitalista pós-moderna, onde tudo tem preço, reivindicar e lutar para trazer sempre essas questões para o cotidiano é mais do que um ato de resistência, é também um ato de sobrevivência. Retomar esse pensamento coletivo, esse sentimento de pertencimento social e fazer dele o alicerce para construir uma sociedade mais justa, igualitária e horizontal é fundamental para se pensar num futuro de forma consciente.

Para se ter tal acesso e uma participação cidadã mais efetiva e para dar voz à discursos antes silenciados, é mais que fundamental que a comunicação seja trabalhada e instigada cada vez mais dentro do ambiente escolar. Vivemos tempos de relações frias e líquidas, onde somos condicionados a crescer e viver achando que é normal ser melhor que o outro, que é necessário chegar primeiro que o outro, para assim, se sentir melhor e poderoso. Poder. É necessária uma reflexão acerca das relações de poder que circulam entre nós há tantas gerações e romper com essa prática cansativa, refutada e desnecessária, principalmente dentro da escola.

Em tempos de mudanças nas formas de educação e de se educar, é necessário conhecer sobre a maré que vem vindo e se articular para que o barco não vire. Que tal prática não fique e foque apenas no corpo discente escolar, pois o corpo docente e toda a comunidade escolar também aprende no dia a dia dentro das escolas, a aula e os ensinamentos não são somente para os estudantes.

Fomentar novas tecnologias educativas para uso sociais a fim de modernizar o ensino com vieses democráticos é sim plausível e possível, porém, assim como tudo na educação, mais um desafio. É essencial também o Estado construir políticas públicas para a produção palpável de conteúdo comunicativo, para que a sociedade se sinta participante ativa dos processos sociais.

Neste trabalho, como lição adquirida após o desenvolvimento do jornal, é o sentimento ainda mais latente de como a educação é carente de recursos e atenções, especialmente a educação infantil. O ensino médio, desde o primeiro ano, agora é praticamente um cursinho, as escolas querem apenas resultados e mais resultados e se promover em cima dos alunos e estampar suas caras por aí em anúncios em troca de dinheiro e lucro. O medo é que tal prática vá caindo e procurando desde cedo os jovens, e a educação infantil também se torne semelhante e seja um caminho sem retorno.

Fica aqui o apelo para que todos cuidem ou que tenham um apego maior para com a educação, pois mais que essencial, ela também nos mostra o melhor de nós, nos transporta para situações onde no pouco tempo que habitamos no plano terrestre, é uma das mais belas riquezas que temos.

Precisamos da comunicação para nos relacionarmos e aprender, precisamos da educação para sermos nós mesmos e planejar como mais queremos ser, mas é sempre importante lembrar: “Educação não muda o mundo. Educação Muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

**REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOBBIO, N. **Igualdade e Liberdade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2017.

DE MATTOS SGOTI, Silmara; PERUZZO, Cicília M. Krohling. **A Inter-relação entre Comunicação e Cidadania: os desafios da sua práxis na sociedade pós-moderna marcada pelo consumo1**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUTIÉRREZ MARTÍN, Alfonso. **El discurso tecnológico de los nuevos medios**: implicaciones educativas. Comunicar, Huelva/ES, n. 18, p. 90-95, mar./jul. 2002

HAETINGER, Max G. **O Universo Criativo da Criança na educação**: coleção criar. vol. 03. Rio Grande do Sul, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In MORAES, D. (org.). **Por outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57-86.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil. **Comunicação & Educação**, v. 23, n. 1, p. 7-24, 2018.

1. Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte.

e-mail: eduardaduda120@icloud.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduando em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte.

e-mail: eulbarreto@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Supervisora do PIBID e professora da escola parceira do PIBID, Marechal Rondon.

e-mail: profnildacorreia@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-3)
4. Doutora em Educação e professora pela Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte.

e-mail: fatimamaria18@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)
5. Trecho da música Latinoamérica, da banda porto-riquenha Calle 13 [↑](#footnote-ref-5)